

Um acidente de trabalho na fábrica: testemunho e trauma na narrativa “A mão esquerda”

ETTORE DIAS MEDINA*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo investigar a obra “Crônicas da vida operária”, de 1978, do escritor Roniwalter Jatobá, com ênfase na narrativa “A mão esquerda”. O tema trata de um acidente de trabalho na fábrica. Para realizar esta investigação, lancei mão de estudos provenientes das ciências sociais, crítica literária, psicanálise, além da ênfase em estudos voltados para o universo da Literatura de Testemunho. As teorias provenientes do Testemunho direcionam as considerações feitas, pois permitem pensar a experiência do acidente de trabalho na fábrica em sua radicalidade traumática. Esta radicalidade também tem consequências na forma da narrativa, que sofre as necessárias transformações para narrar uma situação de extrema violência, na qual a mão de um trabalhador é mutilada. A narrativa passa a ser, ao mesmo tempo, um produto cultural e artístico, e também uma mediação de resistência de fundamental importância para a tentativa de compreensão e elaboração de uma experiência traumática.

Palavras-chave: literatura de testemunho; Roniwalter Jatobá; experiência traumática; classe trabalhadora.

Abstract: This work aims to investigate the book "Chronicles of workmen life", 1978, from the author Roniwalter Jatobá, with emphasis on the narrative "The left hand". The theme is an accident at work in the factory. To carry out this research, I used studies in social sciences, literary criticism, psychoanalysis, besides the centrality on related studies on Literature of Testimony. The theories on testimony direct the statements, because they allow to think the experience of the work accident at the factory in its traumatic radicality. This radicality has also consequences in the form of the narrative, which undergoes the necessary changes to narrate a situation of extreme violence, namely a worker's hand is mutilated. The narrative becomes at the same time a cultural and artistic product, and also a resistance mediation of fundamental importance to the attempt of understanding and elaborating the traumatic experience.

Key words: literature of testimony; Roniwalter Jatobá; traumatic experience; working class.



* **ETTORE DIAS MEDINA** é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (FCL/Araraquara - UNESP).



Antonio Berni - Manifestación

Introdução

Enquanto realizava leituras para a escrita deste trabalho, me deparei com um artigo noticiando que na Argentina pelo menos 12 julgamentos de militares por crimes cometidos durante a ditadura militar naquele país, que ocorreu entre 1976 e 1983, estão em andamento. O artigo me fez pensar sobre como a sociedade brasileira ainda engatinha na necessária investigação de seu passado autoritário e das formas de violência que ocorreram durante a ditadura civil militar brasileira.

No Brasil, a Lei da Anistia imposta pelo governo militar ainda vigora, protegendo militares, policiais e membros da sociedade civil que participaram direta ou indiretamente de atos de violência grave como sequestros, torturas, estupros, além das várias formas de homicídio. Não bastasse esta situação, os setores da

sociedade civil que tentam investigar os arquivos que contém documentos sobre os acontecimentos do período ditatorial se deparam com a resistência das forças militares e das agências estatais em abrir os arquivos, ou mesmo em permitir o acesso a arquivos já abertos.

A instauração da Comissão Nacional da Verdade no ano de 2012 se mostra como uma importante iniciativa do Estado brasileiro, mas ainda bastante tímida tendo em vista a gravidade dos acontecimentos relacionados ao governo militar. Apesar dos impedimentos encontrados pela Comissão Nacional da Verdade, o trabalho realizado até aqui revela o caráter classista do sistema de poder militar que se instaurou no Brasil em 1964. Em termos numéricos, os trabalhadores figuram entre as maiores vítimas do período (QUEIROZ, 2013). Além da repressão violenta direta aos trabalhadores e trabalhadoras, havia

um quadro mais amplo em que constavam intervenções nos sindicatos, prisões de lideranças sindicais, proibição de greves, ríspida contenção salarial, superexploração da força de trabalho para além das condições conhecidas e penetração bárbara do capital internacional no Brasil (QUEIROZ, 2013).

O quadro apresentado por Fábio José C. de Queiroz sugere que eram muitas as formas de repressão à organização e às condições de existência da classe trabalhadora. Esta enfrentava uma política salarial estatal extremamente opressora que, sob a justificativa de combater a inflação, “na prática consolidou-se como uma política de crescente exploração dos assalariados, principalmente operários” (IANNI, 1981, p.62). Por meio da política salarial, o Estado autoritário impedia os trabalhadores de influenciarem ou alterarem os níveis salariais. A política salarial e a superexploração do trabalho tinham consequências diretas na saúde do trabalhador. “Ao lado do excesso de trabalho, e da baixa remuneração, surgem o cansaço, o esgotamento de energias, a doença” (IANNI, 1981, p.81). Ainda segundo Octavio Ianni, na base das condições de existência da classe operária estava a jornada de trabalho muito intensa, muito extensa, ou, como ocorria muitas vezes, uma jornada de trabalho simultaneamente extensa e intensa. Esta situação fez com que milhões de trabalhadores sofressem acidentes de trabalho.

A repressão no interior das fábricas, somada à intervenção dos sindicatos e à Lei antigreve, que praticamente fazia qualquer tipo de manifestação ser ilegal, transformavam as formas de resistência operária em atividades difíceis de serem realizadas, e bastante arriscadas. Mesmo assim, os trabalhadores conseguiram

realizar greves de grande porte durante o período da ditadura civil militar, além de apresentarem outras formas de resistência.

Frente às dificuldades encontradas pela sociedade civil, e também pela Comissão Nacional da Verdade em investigar os documentos e fontes históricas sobre a ditadura civil militar brasileira, uma saída possível está na interpretação de produções culturais que trabalharam esteticamente a vida social do país nos anos de 1964 a 1985. É o caso deste artigo, que investiga a narrativa “A mão esquerda”, do escritor Roniwalter Jatobá. Este escritor nascido em Minas Gerais ocupa uma posição singular na literatura brasileira. Foi, como milhões de outros brasileiros, migrante, vindo a morar no bairro de São Miguel Paulista, na cidade de São Paulo, durante a década de 1970. Neste período, foi operário desqualificado da indústria automobilística Karmann-Ghia no ABC Paulista.

A menção à biografia de Roniwalter Jatobá é importante pelo fato deste escritor a incorporar em sua produção literária. O livro “Crônicas da vida operária” foi finalista do prêmio da editora Casa das Américas em 1978 na categoria Testemunho, fato que permite ler as narrativas através das discussões teóricas voltadas para a literatura de testemunho. Em termos gerais, pode-se dizer que há testemunho quando o produtor cultural – seja na literatura, no teatro, no cinema, na história em quadrinhos, entre outras possibilidades – busca criar uma forma adequada para narrar a violência. Além disso, a noção de literatura de testemunho implica pensar nas relações entre literatura e política, e entre literatura e história.

Quanto às relações entre literatura e história, o testemunho funciona como suporte no qual a voz, a visão de mundo

e a subjetividade de sujeitos silenciados ou excluídos da história oficial, mas também da produção discursiva, podem ter acesso ao espaço letrado. Em outras palavras, isso significa que sua versão da história e sua experiência de vida passam a ter alguma chance de circular na esfera pública, sendo assim conhecidas. O crítico literário Hugo Achugar afirma que o testemunho tem o caráter de uma “história outra” (ACHUGAR, 1992, p.54), uma história contada do ponto de vista do oprimido, ou da vítima.

De acordo com o que foi dito acima, pressuponho que Roniwalter Jatobá lançou mão de sua experiência como migrante, morador do bairro de São Miguel Paulista e operário desqualificado para realizar suas narrativas. Neste sentido, elas podem ser lidas como formalizações estéticas de vivências pessoais do próprio escritor, e também de outros sujeitos com quem Roniwalter Jatobá teve contato. Além da qualidade literária de “A mão esquerda”, é importante destacar o cálculo político e estético do escritor ao realizá-la. Esta narrativa insere o leitor em um dos maiores dramas enfrentados pela classe operária no período da ditadura civil militar: o altíssimo número de acidentes de trabalho.

O acidente de trabalho e a experiência traumática

A narrativa tem por protagonista um migrante que, em São Paulo, vai trabalhar em uma fábrica. Em sua primeira aparição, ele se encontra diante do ônibus que o levará de volta para a casa de seus pais. Uma vez que sofreu um acidente de trabalho, suas possibilidades em São Paulo se esgotam.

A visão do ônibus ativa sua memória. Trata-se de um ônibus semelhante ao que tomara para vir até São Paulo, com as mesmas cores na lataria, o mesmo desenho. O funcionamento da memória humana está associado às sensações e aos sentimentos que a situação experimentada no passado imprimiu no corpo e na subjetividade do sujeito que lembra. O protagonista, ao ver o ônibus, lembra-se da cena e das pessoas que estavam na rua Cavalheiro no momento de sua chegada há quatro anos atrás. Lembra-se também do medo e do estranhamento que sentiu ao se deparar com essa rua da cidade de São Paulo, cidade que fora objeto de sonhos e projetos enquanto estava em sua cidade de origem. Em meio aos movimentos necessários para carregar a mala e entrar no ônibus, a dor na mão mutilada o afeta.

A mão¹, diz o filósofo alemão Immanuel Kant, “é a janela que dá para a mente” (KANT apud SENNETT, 2008, p.169). Segundo Richard Sennett, é de fundamental importância entender como os vários movimentos manuais, o tato e as maneiras de pegar com a mão afetam nossa maneira de pensar. Minha ideia é estender a relação apontada por Sennett para as situações onde acidentes de trabalho mutilam ou estraçalham a mão do trabalhador. Como veremos, alguns dos elementos que configuram a situação do homem mutilado têm semelhanças com os efeitos que a experiência traumática gera nos sujeitos que a sofrem. Antes de passar à cena do acidente, penso ser interessante trazer

¹ “De todos os membros do corpo humano, é ela dotada da maior variedade de movimentos, que podem ser controlados como bem queremos. A ciência tenta demonstrar como esses movimentos, aliados ao tato e às diferentes maneiras de segurar com as mãos, afetam nossa maneira de pensar” (SENETT, 2008, p.169).

algumas reflexões acerca da experiência do trabalhador na fábrica.

O modo capitalista de produção e o sistema fabril obrigam os sujeitos a transformarem sua única posse, seus corpos, em força de trabalho que será trocada por dinheiro. A condição do trabalhador na fábrica é de alta periculosidade, pois este espaço foi projetado para a realização da exploração da força de trabalho e da obtenção do lucro. Nas palavras de Karl Marx:

Os órgãos dos sentidos são todos eles igualmente prejudicados pela temperatura artificialmente elevada, pela atmosfera poluída com os resíduos das matérias-primas, pelo barulho ensurdecedor etc., para não falarmos do perigo de vida que advém das máquinas muito próximas uma das outras, as quais produzem sua lista de acidentes da batalha industrial com a regularidade das estações do ano (MARX, 1968, p.487-488).

Trata-se de um espaço no qual o corpo do trabalhador está desprotegido, um espaço onde este corpo, longe de ter um papel importante, torna-se um mero apêndice da máquina, sendo ela o verdadeiro protagonista. “A escravidão em que a burguesia mantém sujeito o proletariado revela-se com maior clareza no sistema fabril” (ENGELS apud MARX, 1968, p.485-486). Nesta situação de roubo sistemático das condições de vida do trabalhador o acidente de trabalho se torna uma constante. As considerações de Karl Marx e Friedrich Engels, embora voltadas a outro contexto histórico, parecem ter bastante atualidade, principalmente se damos atenção aos seguintes dados sobre as condições de trabalho no período da ditadura civil militar brasileira: “em 1974 e 1976 o Brasil conquistou o título de campeão

mundial de acidentes de trabalho” (ABRAMO, 1999, p.117).

Walter Benjamin detectou a vivência do choque no transeunte da multidão, e também na situação do operário diante da máquina. “No trato com a máquina, os operários aprendem a coordenar seu ‘próprio movimento ao movimento uniforme, constante, de um autônomo’” (BENJAMIN, 1989, p.125). Caso o trabalhador não consiga acompanhar o ritmo ditado pela máquina, estará sujeito ao acidente. Alfredo Bosi, em sua reflexão sobre “Os trabalhos da mão”, confirma os apontamentos de Karl Marx e Walter Benjamin:

A máquina, dócil e por isso violenta, cumpre exata o que lhe mandam fazer; mas, se poupa o músculo do operário, também sabe cobrar exigindo que vele junto a ela sem cessar: se não, decepa dedos distraídos. Foram oito milhões os acidentes de trabalho só no Brasil de 1975 (BOSI, 1977, p.55-56).

Feitas estas considerações acerca da condição do trabalhador na fábrica, passemos para a cena do acidente de trabalho.

Fico lembrando a mesa da prensa pintada de tinta recente, azul, o molejo dela no sobe e desce e minha mão que ficou parada como mão de morto, mão de morto pois nem veio no pensamento da cabeça aquela vontade e ligeireza de puxar a mão, fiquei na frieza de um homem morto, a mão recebeu a força das toneladas de peso, ainda vi a cor do sangue, os dedos esmagados, esfolados numa cor só, e fui vendo a morte, o medo de morrer que se fez sentir com os gritos que soltei, gritei de dor, raiva de acontecer aquilo, o grito ecoando nas outras prensas, homens correndo, vi, homens me segurando nos braços, segurando agarrando minha cabeça que começava a

pende de banda, vi, o assoalho lavado de sangue, fui vendo, vendo, sumindo, se apagando os homens, neblinando nas vistas os dedos sujos, nada mais vi (JATOBÁ, 1980, p.21).

A literatura de testemunho recolhe a experiência traumática. O trauma é uma situação extremamente violenta que cria uma ferida psíquica. Trata-se, para Freud, de uma experiência que “não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre” (SELIGMANN-SILVA, 2006a, p. 48). O sujeito que passa por esse tipo de situação perde a consciência de si, tornando-se um objeto. O traumatizado revive o trauma, que é recordado com uma grande riqueza de detalhes. Esta característica é percebida pelo caráter literal da linguagem utilizada na lembrança do acidente de trabalho. A recordação vem, pois o sujeito sente necessidade de entender a causa da violência. Fazer uma narrativa é uma maneira de tentar organizar a situação traumática, processá-la, compreendê-la enquanto causa e efeito. Não por acaso, a cena traumática é narrada em forma de lembrança.

O trauma, para Freud, é caracterizado pela incapacidade de recepção de um evento *transbordante* [...]: trata-se, aqui também, da incapacidade de recepção de um evento que vai além dos “limites” da nossa percepção e torna-se, para nós, algo *sem-forma*. Essa vivência leva posteriormente a uma compulsão à repetição da cena traumática. O trauma, explica Freud, advém de uma quebra do *Reizschultz* (para-excitação), provocada por um susto (*Schreck*) que não foi amparado pela nossa *Angstbereitschaft* (estado de prevenção à angústia). A volta constante à cena do trauma (sobretudo nos sonhos) seria o resultado de um mecanismo de preparação para essa sobreexcitação

que, patologicamente, vem atrasado (SELIGMANN-SILVA, 2000, p.84-85, grifos do autor).

O trauma é algo que retém o tempo. Assim, a experiência traumática cria uma temporalidade específica, dividida em antes e depois² do trauma. A narrativa é o esforço do sujeito de colocar o trauma no tempo e se colocar a si próprio no tempo. Por isso, na narrativa “A mão esquerda” a disposição dos fatos narrados não é feita de forma linear. O sujeito mutilado narra sua história após ter sofrido o acidente. Desta forma, o dia do acidente, e também os acontecimentos que o antecederam são lembrados, organizados no tempo, em um processo semelhante a uma elaboração.

O desfecho dessa elaboração ocorre com o uso da figuração do leitor na narrativa. Esta solução estética marca um retorno ao presente da narração, e tem por efeito desautomatizar a leitura da obra, levando o leitor a se colocar na posição do sujeito que sofreu o acidente de trabalho.

² No mesmo parágrafo em que o acidente é lembrado, ocorre o desmaio e a perda de consciência, representados pela expressão “nada mais vi”. O narrador diz: “*Depois*, vi a roupa branca do enfermeiro, o olhar dele de dó, a minha mão parada, quieta ao lado do corpo, sem dor na hora agora, só pesada sem se bulir, um frio em todo corpo de vento gelado. E foi passando na cabeça o meu choro, o sangue melando a máquina, o azul dela, fui sentindo vergonha, não me veio um tico de ódio da prensa, da prensa que me deixou com tocos dos dedos, um homem aleijado, inutilizado como dizem por aí, não, não senti raiva cega da máquina, só de minha fraqueza, do meu medo, do descuido, do choro, essa mão, agora, pois vê, pesada e quieta como se não parecesse minha” (JATOBÁ, 1980, p.21, grifos meus). Esta cena tem semelhanças com a situação de “quebra de confiança no mundo” que caracteriza o trauma.

Considerações finais

A personagem que sofreu o acidente de trabalho narra do ponto de vista de alguém que experienciou um evento extraordinário, passou por uma provação e sobreviveu para dar seu testemunho. Esta situação remete à noção latina *superstes*, ou seja, aquela na qual o sujeito que testemunha ocupa a posição do sobrevivente ou do mártir. A noção *superstes* “indica a categoria excepcional do “real” que o testemunho tenta dar conta *a posteriori*” (SELIGMANN-SILVA, 2006b, p.374, grifos do autor). A experiência traumática vivenciada pela personagem influencia a forma da narrativa. Os acontecimentos são narrados em forma de lembrança, acompanhando o movimento subjetivo e sempre problemático de assimilação de uma experiência onde o real foi vivenciado em excesso, extrapolando os limites do sistema perceptivo e ocasionando um trauma. A experiência traumática atira o sujeito em uma espécie de outridade, um estranhamento decorrente do fato de ter conhecido a morte de perto. Neste sentido, a acepção *superstes* também afeta o leitor:

desperta uma modalidade de recepção nos seus leitores que mobiliza a empatia na mesma medida em que desarma a incredulidade. Tendemos a dar voz ao mártir, vale dizer, a responder à sua necessidade de testemunhar, de tentar dar forma ao inferno que ele conheceu” (SELIGMANN-SILVA, 2006b, p.375-376).

A obra “Crônicas da vida operária”, e em particular a narrativa “A mão esquerda”, mobilizam aspectos ficcionais e não ficcionais no intuito de dar voz para sujeitos subalternos que estão afastados dos espaços de produção de conhecimento considerados legítimos. Além disso, o ponto de vista

do sujeito que sofreu o acidente de trabalho – a maior vítima do elevado grau de exploração do trabalho que caracteriza o capitalismo em nosso país (COSTA, 1981, p.13) – tem centralidade. Seu relato é exemplar, pois apresenta um acontecimento grave que foi vivenciado por milhões de pessoas na década de 1970. Este relato traz um novo saber sobre as condições de existência da classe operária no período da ditadura civil militar brasileira, se contrapondo à ideia de que o acidente de trabalho é algo natural e inerente ao processo de produção existente em uma sociedade que se industrializa. Por estas características, o livro “Crônicas da vida operária” pode ser entendido como um produto cultural e artístico, e também como uma mediação de resistência.

Referências

- ABRAMO, Laís Wendel (1999). Os acidentes de trabalho. In: *O resgate da dignidade: greve metalúrgica e subjetividade operária*. Campinas: Unicamp. p.117-119.
- ACHUGAR, H. Historias paralelas/historias ejemplares: la historia e la voz del outro. *Revista de crítica literária latinoamericana*, n.36, p.49-71, 1992.
- BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 103-150.
- BOSI, A. Os trabalhos da mão. In: _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo. Cultrix, 1977. p.52-56
- COSTA, M. R. da. **As vítimas do capital: os acidentados do trabalho**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- IANNI, O. **A ditadura do grande capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- JATOBÁ, R. A mão esquerda. In: _____. **Crônicas da vida operária**. 3ed. São Paulo: Global/Versus, 1980. p.19-26.
- MARX, K. A maquinaria e a indústria moderna. In: _____. **O capital: crítica da economia**

política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 423-579.

QUEIROZ, F. J. C. de . A classe trabalhadora foi a maior vítima da ditadura militar. In: Partido socialista dos trabalhadores unificados, fevereiro de 2013. Disponível em: http://www.pstu.org.br/nacional_materia.asp?id=14917&ida=88. Acesso em 20.03.2013.

SELIGMANN-SILVA, M. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; _____. (Orgs.). **Catástrofe e representação**: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

_____. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: _____. **História, Memória,**

Literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2006a. p.45-58.

_____. O testemunho: Entre a ficção e o “real”. In: _____. **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2006b. p.371-386.

SENETT, Richard. A mão. In: _____. **O artífice**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008. p.169-199.

Recebido em 2013-03-28

Publicado em 2013-04-01